

VAZIOS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO: NARCISISMO, MELANCOLIA E CORPO*

VOIDS OF THE CONTEMPORARY SUBJECT: NARCISSISM, MELANCHOLY AND BODY

René Armand Dentz**

RESUMO

Este texto aborda o tema do suicídio, considerado por Albert Camus como crucial, convocando à reflexão sobre a condição humana na contemporaneidade. Destaca a exposição sem precedentes da mente humana a afetações externas, tempestades de informações e imagens em um mundo interconectado. A crescente fragilidade das saídas contemporâneas é apontada, sendo necessário retomar a reflexão cuidadosamente. Duas abordagens importantes para entender o suicídio são a melancolia e os processos narcísicos primário e secundário. A melancolia, relacionada à perda do objeto de desejo, desencadeia um sofrimento profundo, enquanto os processos narcísicos destacam a importância do desenvolvimento saudável do ego e das relações interpessoais. A desconstrução da família nuclear e a transferência de responsabilidades para instituições geram vazios, manifestando-se em psicopatologias. Em uma sociedade digitalizada, a objetividade é questionada, e a resistência à dor é desconsiderada. A espiritualidade é explorada em diferentes direções, enquanto a relação entre razão e desrazão destaca a transformação da loucura na modernidade. Este texto propõe uma reflexão sobre as dores e vazios em um mundo que parece esquecer os sentidos da existência humana, convocando à exploração das brechas da subjetividade e da liberdade individual em busca da ética e da verdadeira experiência humana.

PALAVRAS-CHAVE: ação; sentido; dor; melancolia; liberdade.

ABSTRACT

The text addresses the theme of suicide, considered crucial by Albert Camus, calling for reflection on the human condition in contemporary times. It highlights the unprecedented exposure of the human mind to external influences, storms of information, and images in an interconnected world. The growing fragility of contemporary solutions is pointed out, emphasizing the need to carefully reconsider reflection. Two crucial approaches to understanding suicide are melancholy and primary and secondary narcissistic processes. Melancholy, related to the loss of the object of desire, triggers profound suffering, while narcissistic processes underscore the importance of healthy ego development and interpersonal relationships. The deconstruction of the nuclear family and the transfer of responsibilities to institutions create voids, manifesting in psychopathologies. In a digitized world, objectivity is questioned, and resistance to pain is disregarded. Spirituality is explored in different directions, while the relationship between reason and unreason highlights the transformation of madness in modernity. The text proposes reflection on the pains and voids in a world that seems to forget the meanings of human existence, urging exploration of the gaps in subjectivity and individual freedom in the pursuit of ethics and true human experience.

KEYWORDS: action; meaning; pain; melancholy; freedom.

* Artigo recebido em 17/01/2024 e aprovado para publicação em 20/04/2024.

** Doutor em teologia pela FAJE; mestre em Filosofia PUC-Campinas; bacharel e licenciado em Filosofia UFJF. Professor da PUC Minas. E-mail: dentz@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O tema do suicídio, considerado por Albert Camus como o único verdadeiramente crucial, convoca-nos a uma profunda reflexão sobre a condição humana. Nesse contexto, a contemporaneidade se destaca como um período singular, marcado por uma exposição sem precedentes da mente humana a afetações externas, tempestades de informações e imagens. A crescente interconexão em um mundo de relações fluidas contribui para um psiquismo inquieto, revelando uma vulnerabilidade da psique humana diante de fontes de influência semelhantes.

O suicídio, tema complexo e desafiador, emerge como um dos temas mais importantes na contemporaneidade. O renomado filósofo e escritor Albert Camus, em uma reflexão contundente, considerava-o como o único tema verdadeiramente importante a ser discutido. Esse ponto de vista ressoa com a realidade atual, quando a desistência da própria vida revela um profundo mal-estar que permeia a existência humana. Vivemos em uma sociedade interconectada, onde as experiências emocionais transcorrem maneira fluida, e a mente humana é constantemente exposta a afetações externas, inundada por tempestades de informações e imagens. Aceitação do aumento do número de casos de suicídio, as interpretações rasas e pragmáticas se mostram como um profundo problema ético.

1 CONCEITOS PSICANALÍTICOS NO ENTENDIMENTO DO FENÔMENO

Neste contexto sem precedentes, a clínica psicanalítica revela um panorama no qual as afetações são compartilhadas, e as saídas contemporâneas se mostram frágeis. O desafio é retomar o caminho da reflexão, com urgência, mas de maneira cuidadosa, evitando cair em compulsões e experiências incessantes que mascaram as verdadeiras dores. Duas abordagens fulcrais para compreender o fenômeno do suicídio são a melancolia e os processos narcísicos, primário e secundário.

Investigações recentes chamaram nossa atenção para um estágio na história evolutiva da libido, que se cruza com o caminho que vai do autoerotismo ao amor objetual. Este estágio foi designado como narcisismo. Consiste no momento do desenvolvimento do indivíduo em que ele reúne suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, para ganhar um objeto de amor. Toma a si próprio e o seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outra pessoa (Freud, 2006, p. 56).

O narcisismo primário refere-se a uma fase inicial em que o bebê está voltado para si mesmo, encontrando prazer na satisfação de suas próprias necessidades, sem uma clara distinção entre o eu e o mundo externo. Durante esse estágio, a criança experimenta a fusão entre o ego e a mãe, buscando a gratificação instantânea.

À medida que a criança se desenvolve, ocorre a transição para o narcisismo secundário. Nessa fase, há uma diferenciação entre o eu e o outro, envolvendo a formação do ego mais autônomo. O indivíduo desenvolve a capacidade de investir afetivamente em outras pessoas, além de si mesmo. O narcisismo secundário implica uma compreensão mais complexa das relações interpessoais e a capacidade de se identificar com os sentimentos e necessidades dos outros.

Essa dicotomia entre o narcisismo primário e o secundário é essencial para entender o desenvolvimento psicológico e as dinâmicas das relações interpessoais. Freud argumentava que o equilíbrio entre essas fases influencia diretamente a saúde mental e a capacidade do indivíduo de estabelecer conexões emocionais significativas ao longo da vida.

A melancolia, intrinsecamente ligada à perda do objeto de desejo, desencadeia um sofrimento profundo e uma sensação de vazio insaciável. A incapacidade de simbolizar adequadamente essa perda pode conduzir a um sofrimento psicológico intolerável, culminando, em casos extremos, na tentativa de escapar desse tormento por meio do suicídio. O sujeito deseja preencher essa falta, que está relacionada à ausência do objeto. A melancolia é caracterizada por uma sensação de vazio e falta que não pode ser satisfeita, igualmente provocando sofrimento intenso. Há uma importância central na linguagem e na simbolização na constituição do sujeito. O sujeito humano é constituído por meio da linguagem, e a capacidade de simbolizar seus desejos e experiências desempenha um papel fundamental na saúde mental. Na melancolia, a incapacidade de simbolizar adequadamente a perda do objeto de desejo pode levar a graves padecimentos.

Dessa maneira, em casos de melancolia extrema, em que o sujeito não consegue lidar com a dor causada pela perda do objeto de desejo e, pela incapacidade de simbolizar essa perda, o suicídio pode ser considerado como uma tentativa de escapar da situação incômoda.

Por outro lado, a relação entre os processos de narcisismo primário e secundário revela a importância do desenvolvimento saudável do ego e das relações interpessoais na prevenção do suicídio.

Presenciamos que a desconstrução da família nuclear e a transferência da responsabilidade para instituições geram um vazio, levando a manifestações psicopatológicas,

como o consumo de drogas, anorexia, depressão e compulsões. Em uma sociedade cada vez mais digitalizada, a objetividade é questionada, e a resistência à dor é gradualmente desconsiderada. A liberdade e a identidade são desafiadas em um cenário dominado por algoritmos, enquanto a espiritualidade enfrenta diferentes direções. A relação entre razão e desrazão, explorada por Foucault (1997), destaca a transformação da loucura na modernidade, culminando na desvalorização de sua capacidade de expressar a verdade.

Diante desse panorama, a busca pela ética emerge como uma luta pela liberdade, quando a experiência humana é desafiada a transcender a obviedade existente e a explorar as brechas da subjetividade. Este texto propõe uma reflexão atenta sobre as dores e vazios na realidade da vida que, por vezes, parece esquecer a essência da existência humana, convocando-nos a adentrar nas profundezas da subjetividade e da liberdade individual.

Vivemos em um mundo de muitas conexões. Estamos vivendo afetos de forma fluida, nosso psiquismo anda, em demasiado, inquieto. Existimos em um momento sem precedentes, pois a mente humana nunca foi tão exposta a ações externas, tempestades de informações e imagens. Nosso inconsciente está sendo acessado e afetado de forma quase intermitente, como bem revela a experiência da escuta na clínica psicanalítica, causando confusões ainda maiores com as vivências passadas, com as cenas da infância.

Por outro lado, também as saídas contemporâneas têm se mostrado frágeis. Não vamos conseguir encontrar um caminho de paz por meio de compulsões e experiências diversas, incessantes. Compulsões são expressões de sintomas. É preciso “escutar nossos vazios”. O caminho da reflexão deve ser retomado, urgentemente, mas com cuidado, saindo de narcisismos.

Existe também uma relação do suicídio com os processos de narcisismos, primário e secundário. O narcisismo primário está relacionado ao egoísmo e à falta de compreensão das necessidades dos outros. Em casos extremos, indivíduos com dificuldades em desenvolver narcisismo secundário podem ter um foco excessivo em suas próprias necessidades e desejos. Isso pode torná-los mais suscetíveis ao suicídio em situações em que enfrentam uma grande perda, rejeição ou desilusão, uma vez que podem ter dificuldade em lidar com a dor emocional de maneira saudável. O narcisismo secundário, quando bem desenvolvido, inclui a capacidade de formar relacionamentos interpessoais saudáveis e empatia pelos outros. Pessoas com um narcisismo secundário saudável podem buscar apoio social e ajuda quando estão passando por momentos difíceis.

No entanto, mesmo aqueles com narcisismo secundário podem estar em risco de suicídio, especialmente se enfrentarem uma série de eventos traumáticos, depressão clínica ou outros fatores de risco psicológico. É preciso entender que a pessoa que tenta tirar a própria vida busca, em última instância, tirar a dor. Saídas existem! É preciso escutar a dor! Não é saudável dizer que não há sentido para todo o sofrimento vivenciado pela pessoa. Essas palavras trazem culpa e mais dor. É preciso observar comportamentos melancólicos, palavras e atos. Incentivar a busca por profissionais do campo da saúde mental é o melhor caminho. No entanto, muitas pessoas têm feito uso excessivo e irresponsável de medicamentos psicotrópicos, muitas vezes prescritos por profissionais. Muitos desses medicamentos alteram profundamente emoções, afetos, humor, pensamentos. Quando são retirados de forma aleatória ou tomados em dosagem excessiva, podem levar a surtos que, por sua vez, abrem espaço ao autoextermínio.

2 VIOLÊNCIA, DESAMPARO E O SUJEITO CONTEMPORÂNEO

O investimento narcísico do jovem de hoje foi pequeno. Os pais foram ausentes (pelo menos uma grande parcela), delegaram, em grande medida, à escola a educação e o afeto. O ambiente escolar passou a ser o lugar de formação da personalidade e da relação edípica (pai-mãe-bebê). O sentimento de ausência, no entanto, é existente. Um vazio impera. Um aspecto importante na relação entre pais e filhos é o de responsabilidade. O filho necessita perceber, com clareza, que alguém se responsabiliza por ele. Quem é essa figura hoje? A escola? Os pais? Os amigos virtuais? As Igrejas?

A família não é mais o lugar do afeto inicial. Vivemos, na sociedade atual, uma desconstrução da família nuclear, de um modelo de patriarcado (esse último aspecto é libertador!). Criamos instituições para fazer o trabalho do afeto infantil, aquilo que o sociólogo Pierre Bourdieu chama de “socialização primária”. A socialização secundária, que seria justamente função das instituições, passou a vir antes. A escola substituiu a família. Há um grande dilema aqui, pois a produção da subjetividade veio como “desinvestimento da criança”. Presenciamos uma espécie de “narcisismo negativo” (Birman, 2021). Se a modernidade foi caracterizada por excesso de narcisismo, hoje vivemos em uma sociedade narcísica justamente porque fomos pouco investidos. Por isso, se analisarmos as formas psicopatológicas do nosso tempo, encontramos características de sofrimento a partir de

ausências, próximo à melancolia e à fuga do mundo: drogas, anorexia, depressão, compulsões, *borderline* (personalidades que flertam com os limites).

O que acontece com a juventude de hoje quando não há um reconhecimento simbólico é uma perda de identidade, de fronteira. A violência é uma forma de manter sua posição, seu território. Em algum sentido, é uma forma de fuga da melancolia. Violência pode aparecer como automutilação, palavras fortes contra aqueles que cruzam seu caminho e mesmo fechamento em seu mundo absoluto. Lacan (1998) mostra que o estágio do espelho é o primeiro momento de formação da personalidade que nos diferencia do outro. Quando me reconheço enquanto corpo que vejo, percebo as diferenças, as alteridades, o que sou e o que não sou. Nesse momento, é necessário a vivência de permanências iniciais. Quando não há essa vivência, apenas nos resta viver de forma experimental (Birman, 2021).

Ao mesmo tempo, vivemos na era do individualismo, estamos “conectados na desconexão”. Nos últimos anos aumentou significativamente a oferta de produtos customizados. Na pandemia essa tendência não se apagou ou diminuiu, pois o virtual a preencheu. Interessante inclusive verificar a maior exposição de cenas e imagens mais banais no período da quarentena. O singular tem que ser imposto a todos. Estar sozinho, não aceitar vincular sua vida aos outros, é uma tendência.

Um dos grandes desafios de nossa época é pensar saídas para uma sociedade em que a violência parece não ter mais limites. É um fenômeno que cruza fronteiras e adentra instituições que seriam para promover a paz, como as escolas. É um equívoco pensar que esses fenômenos ganham mais espaço agora, pois o *bullying*, por exemplo, existe há décadas e foi clinicamente negligenciado no passado. No entanto, existe hoje um contexto distinto: estamos vivendo conexões extremas e nos afetamos mais por isso. Em uma sociedade fluida, agora os sentimentos são mais confusos e, nesse contexto, é como se os sujeitos vivenciassem “surto possíveis” constantes. O caos e o imprevisível aparecem mais facilmente em realidades de interações mais complexas.

As afetações ocorrem incessantemente, não temos mais momentos de vazio, que são fundamentais ao bom funcionamento psíquico. O desejo é o que nos constitui, e ele pressupõe a falta. Se estamos completos e preenchidos, não temos desejo, estamos determinados. Nesse sentido, o infinito parece estar sufocado e perder sua condição. Preenchemos os espaços e não deixamos mais lugar para a transcendência, para o inefável. Como consequência, estamos, cada vez mais, empobrecendo as dimensões simbólicas. Apesar das conexões, vivemos também uma pobreza de simbolismos. O simbólico possui justamente a função de ligar o

humano ao vazio, dizendo de forma não absoluta sobre uma dimensão do vazio, do impossível, do infinito. Quando os elementos simbólicos são pobres, eles pretendem dizer acerca de tudo e acabam não dizendo nada substancial. A violência então se mostra uma saída comum. Quando não se tem símbolos para pensar a realidade complexa, o que resta é a ação impensada. “Do psiquismo à ação” passa a ser o circuito comum.

Na cultura do narcisismo, não há espaço para o outro. O que vale é a vivência das próprias experiências do sujeito para criar melhores condições de exposição do seu “eu”. Nessa tendência, não existe lugar para elementos fundantes do existir, tais como o amor, a amizade, o afeto, a gratidão, o perdão e o desejo. “O único interesse da cultura narcísica é delimitar o território limitado de sua existência à custa do gozo predatório sobre o outro. As individualidades não se afeiçoam mais aos corpos que lhe possibilitam prazer e gozo, meras mediações que são para o incremento das suas imagens narcísicas” (Birman, 2019, p. 303). Os rituais perdem espaço, não há mais tempo para simbolizar o nascimento, a vida e a morte. O tempo humano se vai. O virtual intensifica esse caminho, afinal, nele não existe nem mesmo realidade. O que resta é a solução imediata, o tempo sobre o tempo, o desejo sobre o desejo. E assim, em um determinado momento, há uma quebra, uma ruptura, um ato violento, que nada mais é do que resultado de todo um processo muito antes iniciado. A violência não surge do nada, ela é o fim de um processo que precisa ser entendido em suas origens.

O ser humano delira estar em segurança, enquanto é só uma questão de tempo até que ele seja arrastado pelos elementos para o abismo. Nos tempos atuais, a sua vulnerabilidade é mais exposta do que nunca, está presente dentro de seu próprio eu narcísico até nas consequências do desrespeito ao meio ambiente.

Diversas formas de violência afetam os sujeitos. A tendência a eliminar a dor por elementos externos, seja miméticos (livros de autoajuda) seja medicamentos psicotrópicos, porta excesso de artificialização. No entanto, a violência surge também como excesso de positividade no ideal de perfeição, de felicidade absoluta, de modelos a seguir.

O sujeito contemporâneo vive um desamparo, apesar de não se perceber nessa condição, pois neuroticamente encontra saídas. Ele procura gerenciar o desamparo de diferentes formas. As religiões, por exemplo, buscam fornecer essa saída. No entanto, essa saída parece fornecer infinitos desejos miméticos, sempre um mais-além definido, absoluto e certo. Uma certeza ideal, que se transforma em intolerância moral e mesmo em moralismos perversos. O incremento vertiginoso do consumo de drogas no Ocidente se funda naquilo que o discurso freudiano denominou “mal-estar na civilização”. Este mal-estar se articula em

torno da oposição entre as exigências da força pulsional e suas possibilidades psíquicas de satisfação, estas últimas sendo reguladas pela ordem simbólica. Essa oposição se caracteriza pela assimetria, pois a pulsão é uma força constante inserida na ordem da continuidade, que para se satisfazer precisa inscrever-se na ordem da descontinuidade dos símbolos. Somente assim é possível para o sujeito a invenção de objetos capazes de promover a experiência da satisfação. “Essa assimetria é a condição de possibilidade da angústia, já que indica permanentemente ao sujeito a sua condição estrutural de desamparo” (Birman, 2019, p. 242).

Em nossos dias, quanto mais vivenciamos flexíveis interações, maiores complexidades surgem. A ordem parece se extinguir, dando lugar ao caos e ao que é aleatório. No entanto, o caos assusta. Diante de um cenário sem resposta em um primeiro momento, o ser humano tende a se apegar emocionalmente a um conteúdo de solução clara e rápida (mesmo que paranoica e irreal). Todo esse contexto abre enorme espaço para as paranoias. O conhecimento paranoico se fundamenta por meio do eu, por isso uma sociedade narcisista tende a ser uma sociedade de maior pós-verdade. Nesse contexto, é pelos olhos do outro que conhecemos o mundo; portanto, desconhecemos que somos um outro. Pelas bolhas que conhecemos e nelas nos alimentamos e validamos aquele mesmo conhecimento.

3 DORES E VAZIOS EM UM MUNDO SEM CORPO

Dor é realidade. Percebemos primeiramente a realidade na resistência que dói. A anestesia permanente da sociedade paliativa “desrealiza” o mundo. Também a digitalização reduz cada vez mais a resistência, leva ao desaparecimento do confronto contrariante. O contínuo “curtir” leva a um embotamento, a uma desconstrução da realidade.

Onde fica a liberdade e a identidade quando se é dominado por algoritmos? O fato é que nossa liberdade está vinculada a elementos não apenas racionais e lógicos reproduzíveis em níveis exponenciais, mas sobretudo vinculada a lugares onde não habitamos, inconscientes. A salvação da humanidade está relacionada à impossibilidade de reprodução de elementos inconscientes pela IA... Por outro lado, percebemos a constituição de um mundo de extremo empobrecimento simbólico e de pouco exercício da liberdade, pois ele está inserido em padrões construídos por mecanismos miméticos.

A espiritualidade pode estar caminhando em direções distintas nesse mundo, Pode servir superficialmente a amenizar dores, portando sentido provisório à existência. No entanto, é possível também que sempre lembre ao ser humano que o Sagrado é um espaço

de silêncio e que essa dimensão humana não pode ser reproduzida.

Para Foucault, a loucura passou por um processo de desvalorização de sua capacidade de expressar a verdade na tradição ocidental. Essa desvalorização da loucura está ligada a um amplo processo na história do Ocidente, marcado pela oposição radical entre razão e desrazão. Nesse sentido, a desqualificação da loucura – que ocupava uma posição estratégica nesse embate – é uma clara marca do triunfo da razão sobre a desrazão no Ocidente. Com efeito, o campo da razão passa a ser o único qualificado a “dizer” qualquer coisa. Dessa forma, sendo a história da loucura o processo de produção da doença mental, ela é ao mesmo tempo a história da “suspensão da loucura como linguagem proscrita” (Foucault, 1997, p. 130). Esse movimento corresponderia a uma alteração drástica da cena social que compõe a loucura. Efetivamente, nos primórdios do século XVII, a loucura passa por uma restrição/exclusão da cena social, sendo confinada junto a outras figuras da marginalidade nos hospitais gerais. Esse processo de tentativa de expulsão da loucura, não só do registro razão-verdade como também de toda cena social possível, culmina na criação, pela nascente psiquiatria do século XIX, dos asilos para os alienados. O asilo torna-se um espaço diferenciado para o trato exclusivo do doente mental, em oposição à circulação mais livre e trágica da loucura no Renascimento. Segundo Birman (2019, p. 36),

[...] foi no espaço dessa oposição axial, isto é, no campo imantado entre razão e desrazão, que Foucault inscreveu a sua leitura arqueológica sobre a loucura, segundo a qual a transformação recente desta enfermidade mental seria, na modernidade, o apogeu desse longo percurso na cultura ocidental.

Dessa maneira, a objetividade não pode ser uma transparência que fala, de forma asséptica e desinteressada, a verdade da loucura, pois,

[...] na realidade, ela [a objetividade] só se oferece exatamente àquele que está protegido dela. O conhecimento da loucura pressupõe, naquele que a apresenta, uma certa maneira de desprender-se dela, de antecipadamente isolar-se de seus perigos e de seus prestígios, um certo modo de não ser louco. E o advento histórico do positivismo psiquiátrico só está ligado à promoção do conhecimento de uma maneira secundária; originalmente, ele é a fixação de um modo particular de estar fora da loucura: uma certa consciência de não loucura que se torna, para o sujeito do saber, situação concreta, base sólida a partir da qual é possível conhecer a loucura (Foucault, 1997, p. 445).

Este é a realidade em que a experiência humana é impulsionada pela inevitabilidade, onde tudo parece atender à urgente necessidade que tudo sacraliza. Buscamos as distantes terras da infância e, na potencialidade ali resguardada – no encantamento desprovido de

reservas, onde superamos o medo de transitar entre o dizível e o indizível – encontramos maneiras de desfazer a obviedade existente. Somos convocados a adentrar pelas brechas da subjetividade, da liberdade individual, conscientes de que no império do necessário e do impossível não há sujeito, não há liberdade, e tampouco há criação.

Embora não neguemos que os seres humanos tenham uma tarefa a cumprir, a luta pela ética é uma luta pela liberdade, ou seja, uma luta para que possamos experimentar nossa própria existência como possibilidade ou potência.

CONCLUSÃO

No contexto contemporâneo, vivenciamos uma exposição sem precedentes da mente humana a afetações externas, inundada por tempestades de informações e imagens na sociedade interconectada. A crescente fragilidade do psiquismo humano diante dessas influências revela a urgência de compreender e abordar o fenômeno do suicídio.

A reflexão proposta neste texto lembra a relevância da clínica psicanalítica na compreensão do suicídio, destacando as abordagens da melancolia e dos processos narcísicos primário e secundário. A melancolia, associada à perda do objeto de desejo, revela uma incapacidade de simbolização que pode levar a um sofrimento psicológico intolerável, culminando em casos extremos de tentativas de fuga por meio do suicídio. A relação entre os processos de narcisismo primário e secundário destaca a importância do desenvolvimento saudável do ego e das relações interpessoais na prevenção do suicídio.

A análise da juventude contemporânea revela um “narcisismo negativo”, resultado do desinvestimento afetivo na formação da personalidade. A desconstrução da família nuclear e a transferência de responsabilidade para instituições geram um vazio, manifestando-se em diversas formas de psicopatologias. A busca por identidade e afeto torna-se desafiadora, levando a manifestações como o consumo de drogas, anorexia, depressão e compulsões.

Além disso, o texto explora as transformações na relação entre razão e desrazão ao longo da história, conforme observado por Foucault (1997). A desvalorização da loucura na tradição ocidental destaca a complexidade dessa relação e a necessidade de compreender a subjetividade para além das dicotomias simplistas. A digitalização e a objetividade excessiva na era dos algoritmos questionam a liberdade e a identidade humanas, exigindo uma reflexão profunda sobre o sentido da existência.

Em um mundo cada vez mais distante da experiência humana autêntica, a ética emerge como uma luta pela liberdade, convidando-nos a explorar as brechas da subjetividade e a reconhecer a potência da existência individual. A urgência da busca pela ética reside na compreensão de que, no império do necessário e do impossível, a verdadeira liberdade e criação só podem ser encontradas nas experiências que transcendem a obviedade existente.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na Idade Clássica**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão sobre o suicídio. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 14, p. 263-271. Trabalho original publicado em 1910.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 14, p. 243-258. Trabalho original publicado em 1917.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 6, p. 167-183. Trabalho original publicado em 1901.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 7, p.190-201. Trabalho original publicado em 1915.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998